

COMO A PESCADA...

por

Olavo Bilac

Casados há três meses,— já o arrufo, já o ciúme, já a resigna... E Clélia quer que o marido, o Álvaro, lhe ponha já para ali toda a verdade: se foi de fato noivo de Laura, e porque é que foi expulso da casa de Laura, e porque não casou com Laura, e porque é que a família de Laura lhe tem tanta raiva...

— Mas, filhinha, sê sensata; não nos casamos? não somos felizes? não te amo como um louco? que queres mais? beijemo-nos que me importa a mim a lembrança de Laura, se é a ti que amo, se te pertenço, se sou o teu maridinho carinhoso? — suspira Álvaro, procurando com os lábios ansiosos os lábios da arrufada Clélia...

— Não, senhor! não, senhor! — diz a teimosa, repelindo-o — Não, senhor! quero saber tudo! vamos a isso! foi ou não foi noivo de Laura?

— Ai! — geme o marido — já que não há remédio... fui, queridinha, fui...

— Bem! e porque não casou com ela?

— Porque... porque o pai preferiu casá-la com o Borba, comendador Borba, sabes? aquele muito rico e muito sujo, sabes?

— Sei... Mas isso não explica o motivo porque o pai de Laura tem tanto ódio ao senhor...

— É que... é que, compreendes... tinha havido tanta intimidade entre mim e a filha dele...

— Que intimidade? vamos, diga tudo! o senhor costumava ficar sozinho com ela?

— Às vezes, às vezes...

— E abraçava-a?

— Às vezes...

— E beijava-a?

— Às vezes...

— E chegava-se muito para ela?

— Sim, sim... Mas não falemos nisso! que temos nós com o

passado, se nos amamos, se estamos casados, se...

— Nada! nada! — insiste Clélia — quero saber tudo, tudo! vamos! e depois?

— Depois? mais nada, filhinha, mais nada...

Clélia, porém, com um brilho singular da curiosidade maliciosa nos grandes olhos azuis, insiste ainda:

— Confesse! confesse! ela... ela não lhe resistiu? não é assim?

— ...

— Diga-o! confesse! — e abraça o marido, adulando-o...

— Pois bem! é verdade! — responde ele — mas acabou, passou... Que importa o que houve entre mim e Laura, se nesse tempo ainda eu não te conhecia, a ti, tão pura, a ti, tão boa, a ti que, enquanto foste minha noiva, nem um só beijo me deste?

.....

Clélia, muito séria, reflete... E, de repente:

— Mas, escuta, Alvaro! como foi que o pai soube?

— Por ela mesma, por ela mesma! A tola contou-lhe tudo...

— Ah! Ah! Ah! — e Clélia ri como uma louca, mostrando todas as pérolas da boca — ah! ah! ah! então foi ela quem... que idiota! que idiota! ah! ah! ah! Ora já se viu que pamonha? aí está uma cousa que eu não teria feito! — uma asneira em que não caí nunca...

— Como? como? — exclama o marido, aterrado — uma asneira em que não caíste?!

— Mas, certamente, queridinho, certamente! há cousas que se fazem mas não se dizem...

.....

E, enquanto Álvaro, acabrunhado, apalpa a testa — lá fora, na rua, ao luar, um violão tange o fado e a voz do fadista canta:

“Homem que casa não sabe
Qual o destino que o espera...
Há gente como a pescada,
Que antes de o ser já o era...”

Sobre a Edição

Este e-texto pode ser livremente:

1º Distribuído com ou sem fins comerciais.

2º Modificado, desde que retirado o título, o nome do autor e do editor.

Obra sob domínio público.

Edição eletrônica por Rafael Palma: Ter 14/Jun 16 — 01:14:44